ALÉM DO GIZ, CADERNO E LÁPIS: MEDIAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE NA ESCOLA EM *ESCRITORES DA LIBERDADE*

Lueica Willyanne dos Santos Rodrigues[1], Joaquim Custódio Da Silva[2], Camila Beltrão Medina[1], Patricia Mara Danella[1].

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Curso de Psicologia/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, lueica.rodrigues@gmail.com, camila.medina@univap.br, patricia@univap.br.
[2]Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Câmpus São José dos Campos/Licenciatura em Matemática, Rodovia Presidente Dutra, km 145, Jardim Diamante - 12223-201 - São José dos Campos-SP, Brasil, joaquimcustodio.catatau@gmail.com.

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a articulação entre práticas pedagógicas e mediação subjetiva no ambiente escolar, correlacionando as reflexões do filme *Escritores da Liberdade*, obra que retrata os desafios docentes diante da diversidade social e de barreiras pedagógicas periféricas, com as intervenções de um estágio de licenciatura em uma escola pública da Zona Leste de São José dos Campos (SP). A metodologia qualitativo-interpretativa pautou-se na pesquisa-ação, articulando observação participante, diagnóstico situacional e ações mediadoras registradas em diários de campo e integradas à análise temática do longa-metragem. Os resultados apontam que o trabalho interdisciplinar entre Psicologia e Matemática favoreceu a compreensão de vulnerabilidades e a superação de bloqueios de aprendizagem. Conclui-se que a aproximação entre a narrativa cinematográfica e o contexto escolar ratifica a importância da mediação afetiva e da interdisciplinaridade na formação docente, consolidando uma postura investigativo-intervencionista humanizada e atenta às singularidades estudantis.

Palavras-chave: Cultura escolar. Interdisciplinaridade. Estágio supervisionado. Mediação pedagógica. Psicologia da educação.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Educação

Introdução

No contexto do Ensino Médio público, especialmente em instituições situadas em bairros periféricos, as salas de aula costumam estar repletas de estudantes, contudo, ao longo dos meses, observa-se um expressivo índice de abandono escolar. O último levantamento feito pela Firjan SESI-RJ apontou que evasão escolar atinge por ano, mais de 500.000 jovens acima de 16 anos. Em instituições situadas em bairros periféricos, essa alta taxa de evasão relaciona-se diretamente com a necessidade premente de inserção no mercado de trabalho, seja para complementar a renda familiar, seja como única fonte de subsistência do lar. Diante da urgência de trabalhar, os estudos acabam ficando em segundo plano, os alunos perdem o interesse e, progressivamente, a própria instituição enfrenta limitações de recursos para promover aulas mais atrativas. Diante desse ciclo, cabe questionar se existe um único culpado e por onde seria possível agir. Posto que as transformações educacionais ocorrem de maneira gradativa e estrutural, a sala de aula se coloca como o ponto de partida ideal para a construção de novas perspectivas, por meio de práticas dinâmicas que ampliem as visões de futuro dos estudantes para além da realidade em que cresceram. Para o docente, viabilizar aulas diferenciadas é altamente gratificante, pois viabiliza a participação e o desenvolvimento do grupo, reconhecendo que nem todos aprendem da mesma forma tradicional, apenas com caderno e lápis.

Nesse sentido, torna-se fundamental considerar o meio socioespacial, a localização da escola e as trajetórias que moldaram esses estudantes. As vivências marcadas por contextos complexos frequentemente os deixam calejados e, em muitos casos, com a sensação de um destino já definido. Contudo, é no reconhecimento desse meio que se torna viável iniciar uma mudança de perspectiva,

articulando o trabalho conjunto entre professores, alunos e demais profissionais para que os jovens compreendam o valor do conhecimento e desejem dar continuidade aos seus estudos.

Como ilustração dessa dinâmica, destaca-se o filme *Escritores da Liberdade* (EUA, 2007). A narrativa retrata uma professora em uma escola de periferia cujos alunos, de 14 a 15 anos, vivenciavam situações de extrema vulnerabilidade, como o envolvimento com gangues, prisões e a violência urbana. Ao demonstrar que tais conflitos decorrem da ignorância e da segregação, a docente buscou alternativas para transformar aquela realidade: trabalhou em empregos extras para custear passeios pedagógicos, reorganizou a disposição das carteiras e alterou o mapa da sala para promover a inclusão de todos. Ao conquistar a confiança da turma, possibilitou que aqueles jovens reescrevessem suas próprias histórias e vislumbrassem novas possibilidades de vida.

Diante dessas reflexões, o trabalho tem como objetivo analisar a articulação entre as práticas pedagógicas e a mediação subjetiva no ambiente escolar, correlacionando os ensinamentos da obra cinematográfica com os relatos e vivências de um estágio de licenciatura vivenciado em uma escola pública na Zona Leste de São José dos Campos (SP).

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativo-interpretativa, de caráter descritivo e analítico, pautada nos pressupostos da pesquisa-ação (Thiollent, 2025; Tripp, 2005). Essa escolha justifica-se pela necessidade de transcender a mera observação passiva dos fenômenos educacionais, articulando o diagnóstico da realidade escolar a intervenções práticas e transformadoras durante o processo formativo (Minayo, 2012). A estratégia metodológica fundamentou-se na aproximação entre a análise temática do longa-metragem e as vivências no campo empírico.

Como recurso pedagógico e disparador teórico, o filme *Escritores da Liberdade* (2007), dirigido por Richard LaGravenese, forneceu subsídios para problematizar as barreiras raciais, a segregação sociocultural e os estigmas atribuídos a turmas de periferia. Da obra, foram selecionadas sequências narrativas que ilustram o confronto entre a cultura institucional e a realidade dos estudantes, servindo de contraponto para pensar a prática pedagógica diária.

A etapa empírica constituiu-se a partir das atividades desenvolvidas ao longo de um semestre no Estágio Curricular Supervisionado em uma Escola Estadual situada na Zona Leste do município de São José dos Campos (SP), território de alta vulnerabilidade socioeconômica. O estudo destacou-se por sua composição interdisciplinar, reunindo um discente do curso de Licenciatura em Matemática, focado nas mediações do ensino de exatas e na superação de bloqueios de aprendizagem; e uma discente do curso de Licenciatura em Psicologia, voltada para o acompanhamento das dinâmicas relacionais, a escuta da subjetividade dos alunos e o clima institucional.

A dinâmica da pesquisa-ação ocorreu de forma contínua e integrada no cotidiano escolar (Ludke; André, 2013). A partir do convívio direto em sala de aula, as necessidades observadas eram dialogadas pela equipe interdisciplinar para embasar intervenções pedagógicas e afetivas imediatas. O registro das vivências deu-se por meio de diários de campo elaborados após as inserções semanais, contemplando descrições detalhadas sobre as interações entre a comunidade escolar, as reações dos estudantes às propostas em sala de aula e os episódios de acolhimento, mediação e engajamento. Esse percurso permitiu confrontar a narrativa cinematográfica com a realidade concreta da escola pública, evidenciando como a cooperação entre a Matemática e a Psicologia enriquece a *práxis* pedagógica.

Por tratar-se de atividades e intervenções inerentes ao desenvolvimento regular do estágio curricular supervisionado, sem a aplicação de instrumentos experimentais ou coleta direta de dados identificáveis, o presente estudo prescinde de apreciação pelo Sistema CEP/CONEP, nos termos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Reitera-se o compromisso ético na salvaguarda das informações e na garantia do estrito anonimato da unidade escolar, dos estudantes e dos profissionais envolvidos.

Resultados e Discussão

A análise articulada entre as sequências narrativas de *Escritores da Liberdade* (2007) e o ciclo da pesquisa-ação desenvolvido no Estágio Curricular Supervisionado na escola pública da Zona Leste de São José dos Campos (SP) permitiu identificar convergências estruturais no cotidiano educacional, organizadas em quatro eixos analíticos apresentados a seguir.

Vulnerabilidade Social, Rotina Escolar e o Desafio da Evasão

Embora o longa-metragem retrate o contexto educacional de 1994, nota-se que os dilemas da educação pública periférica permanecem análogos no cenário contemporâneo. Ambas as realidades evidenciam estudantes desmotivados, oriundos de territórios marcados pela violência urbana e por restritas perspectivas de mobilidade social. A necessidade precoce de inserção no mercado de trabalho, frequentemente conciliada com cursos técnicos ou empregos informais no período noturno, resulta em exaustão física e cognitiva, impactando diretamente o engajamento em sala de aula e alimentando os índices de evasão escolar.

A partir da Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky (2007), o desenvolvimento psíquico do sujeito é mediado pelo meio sócio histórico e por suas condições concretas de existência. Quando o cotidiano comunitário é atravessado pela exclusão, a percepção de futuro desses jovens restringe-se à reprodução das urgências materiais imediatas. Conforme observado no estágio e na obra cinematográfica, vislumbrar o acesso ao ensino superior passa a ser percebido pelos estudantes como algo distante, inatingível ou arriscado.

Essa fragilização do horizonte de possibilidades estende-se também ao corpo docente. Desgastados pela precarização estrutural, muitos professores encontram-se em um estado de exaustão, limitando sua atuação à espera da aposentadoria. Esse adoecimento funcional repercute diretamente na prática pedagógica, tornando a figura docente passiva e distanciada do sentido do ensinar. Assim, a desmotivação do professor e a falta de perspectiva do aluno alimentam um ciclo contínuo de esvaziamento do processo educativo, no qual as mediações escolares perdem sua força transformadora.

A Rigidez do Sistema de Ensino e o Papel da Formação Docente

O sistema educacional é retratado, na obra e no cotidiano escolar, como uma estrutura burocrática, rígida e frequentemente avessa a metodologias inovadoras. Contrapõe-se a isso a formação acadêmica inicial que, por vezes, idealiza a atuação docente como um exercício isolado de transformação. No contato direto com a escola durante o estágio, os licenciandos depararam-se com um corpo docente desgastado por rotinas precarizadas, reproduzindo uma postura conformista diante do fracasso escolar.

Essa dinâmica dialoga criticamente com a conceituação de "educação bancária" de Paulo Freire (1987), na qual os estudantes são tratados como recipientes passivos de conteúdos desconectados de suas realidades. A experiência de estágio reafirmou que o ensino não pode se reduzir à mera transmissão de tarefas pautadas no tradicional "caderno e lápis". Para que ocorra uma *práxis* pedagógica libertadora, o docente precisa assumir uma postura crítica e transformadora, enxergando o estudante como sujeito ativo de seu próprio processo de aprendizagem e de conscientização social.

A reconstrução de metodologias em sala de aula beneficia também o próprio docente. Diversificar a prática pedagógica demonstra domínio técnico e sensibilidade didática, gerando no estudante um sentimento de admiração e respeito pelo professor que se dispõe a inovar o roteiro, a linguagem e a postura. Trazer o aluno para a lousa ou utilizar atividades lúdicas e jogos significa descentralizar o ensino, transformando o ato de estudar em um processo relacional de construção conjunta.

Na era digital, a incorporação de *softwares* matemáticos e recursos tecnológicos expande o campo visual do estudante, apresentando novas abordagens para conteúdos tradicionalmente restritos ao livro didático e à lousa. Mais do que uma inovação técnica, essas pequenas transformações metodológicas sinalizam aos alunos que suas dificuldades são reconhecidas e acolhidas. Essa postura de escuta e adaptação demonstra intencionalidade pedagógica, convidando o estudante a sair da passividade e a engajar-se ativamente na própria aprendizagem.

Fragilidade na Rede de Apoio e a Leitura das Trajetórias Subjetivas

A articulação entre a base familiar e o desempenho escolar revelou-se um ponto nodal na discussão. No filme, a discrepância de participação dos responsáveis nas reuniões de pais, expressiva na turma de alto rendimento e completamente ausente na turma considerada "problema", espelha a realidade vivenciada na rede pública: a fragilidade da rede de apoio e a vulnerabilidade social forçam os jovens a assumirem responsabilidades adultas precocemente, colocando o estudo em segundo plano para garantir a subsistência do lar.

Ademais, a análise do perfil da professora do filme (uma mulher branca, de classe média) em contraste com alunos racializados e marginalizados explicita a necessidade do reconhecimento das assimetrias sociais. O ensino efetivo não ocorre pela neutralidade ou pelo afastamento das dinâmicas de preconceito, misoginia e discriminação, mas pelo seu enfrentamento crítico no espaço da aula. Como aponta Freire (1996), a leitura do mundo precede a leitura da palavra; logo, a apreensão dos conteúdos escolares exige a legitimação prévia do lugar de fala e das vivências históricas dos estudantes.

Essa distância sociocultural entre o corpo docente e a realidade da comunidade escolar evidencia como a reprodução de estigmas e a falta de letramento racial e social podem converter o espaço pedagógico em uma extensão das violências institucionais. Quando a escola desconsidera as opressões cruzadas de raça, classe e gênero que atravessam o cotidiano da periferia (Crenshaw, 2002), ela corre o risco de interpretar a dor, o cansaço e a revolta dos estudantes como mera indisciplina ou incapacidade cognitiva. Assim, a construção de pontes subjetivas exige desnaturalizar o fracasso escolar, compreendendo que a escuta atenta das trajetórias individuais é o primeiro passo para resgatar a função social da escola e assegurar o direito do jovem periférico de ser reconhecido na sua integralidade.

Essa reconfiguração da postura pedagógica exige que a atuação da Psicologia e dos educadores no ambiente escolar abandone práticas meramente adaptativas e patologizantes. Em consonância com a Psicologia da Libertação (Martín-Baró, 1998), faz-se urgente desconstruir a tendência de individualizar os problemas sociais, redirecionando o foco das intervenções para as estruturas de dominação e para o fortalecimento dos vínculos comunitários. Ao transformar a sala de aula em um espaço de elaboração crítica das próprias vivências de vulnerabilidade, o processo formativo ultrapassa o cumprimento curricular e consolida-se como um instrumento de emancipação, no qual o reconhecimento das trajetórias subjetivas serve de alicerce para a reconstrução do projeto de vida dos estudantes.

Interdisciplinaridade, Afetividade e a Mediação Pedagógica (Matemática e Psicologia)

A atuação conjunta entre a Licenciatura em Matemática e a Psicologia mostrou-se determinante para intervir nos bloqueios de aprendizagem por meio da pesquisa-ação. A introdução de dispositivos de escuta qualificada, como rodas de conversa e mediação de conflitos, desconstruiu a lógica da sala de aula como ambiente restrito à cobrança metódica. Wallon (1995) demonstra que o afeto e a cognição são dimensões indissociáveis no desenvolvimento humano, pois a dimensão afetiva fornece o suporte indispensável para a evolução das funções cognitivas superiores.

Na prática do estágio, constatou-se que a aversão e o medo associados ao ensino da Matemática são, antes de tudo, frutos de bloqueios emocionais e do histórico de estigmatização do erro. Ao construir um espaço seguro de acolhimento, no qual a dúvida não é punida e a subjetividade é respeitada, a equipe interdisciplinar atuou na Zona de Desenvolvimento Proximal (Vygotsky, 2007), mediando a transição do conhecimento empírico do aluno para o saber científico.

A flexibilização metodológica e a escuta empática permitiram que os estagiários se consolidassem como referências positivas de identificação no cotidiano escolar. Com isso, comprovou-se que a mediação afetiva constitui a chave estruturante para a superação das barreiras de aprendizagem e para a ampliação das trajetórias de vida e das perspectivas do estudante periférico.

Essa articulação teórico-prática ganha contornos ainda mais nítidos ao correlacionar as vivências do estágio com a narrativa de *Escritores da Liberdade* (2007), na qual a ação docente rompe com o isolamento disciplinar e transforma a sala de aula em um espaço de pertencimento e elaboração subjetiva. Assim como representado na obra cinematográfica, a realidade da escola pública periférica exige que o educador extrapole a mera transmissão de conteúdos e assuma uma postura de mediador

cultural e afetivo, capaz de reconhecer os saberes prévios e a singularidade de cada estudante (Freire, 1987).

A integração entre a linguagem exata e a escuta subjetiva demonstrou que a formação inicial de professores se fortalece substancialmente quando pautada na pesquisa-ação (Thiollent, 2025; Tripp, 2005), pois essa postura investigativo-intervencionista estimula a práxis reflexiva e a responsabilidade ético-política diante das desigualdades socioculturais. Conclui-se que o diálogo entre a Psicologia e as licenciaturas não apenas potencializa a superação de defasagens de aprendizagem, mas reconfigura o próprio fazer pedagógico, posicionando o afeto e a interdisciplinaridade como pilares para a construção de uma escola inclusiva e emancipatória.

Conclusão

A articulação entre a narrativa cinematográfica e a vivência pautada na pesquisa-ação durante o Estágio Curricular Supervisionado evidenciou que os desafios da educação pública periférica ultrapassam as barreiras estritamente pedagógicas, alcançando as dimensões socioafetivas e estruturais da vida dos estudantes. A realidade observada na escola da Zona Leste de São José dos Campos (SP) ratifica que o abandono e o desinteresse escolar não decorrem de uma suposta incapacidade dos alunos, mas da desarticulação entre os conteúdos escolares e as suas vivências concretas, marcadas pela vulnerabilidade social e pela necessidade precoce de inserção no mercado de trabalho.

Nesse cenário, o trabalho conjunto e interdisciplinar entre a Licenciatura em Matemática e a Psicologia mostrou-se fundamental para ressignificar o espaço da sala de aula. Enquanto a intervenção psicológica viabilizou a escuta qualificada, o acolhimento da subjetividade e a mediação de conflitos, a prática pedagógica da Matemática pôde atuar na desconstrução de bloqueios de aprendizagem e estigmas de incapacidade, demonstrando que o ensino de exatas também pode se constituir como uma ferramenta humanizada, inclusiva e libertadora.

Portanto, conclui-se que ir "além do caderno e do lápis" exige uma postura docente intencional, afetiva e crítica, capaz de enxergar o estudante em sua totalidade. A mediação pedagógica, inspirada na *práxis* retratada no filme e exercitada no cotidiano do estágio através do ciclo da pesquisa-ação, consolida-se como um instrumento transformador na formação de futuros professores, reafirmando o compromisso ético e político da escola pública como um território legítimo de acolhimento, pertencimento e ampliação das perspectivas de futuro para a juventude periférica.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

CRENSHAW, K. Documento de direito humano: a intersecção de raça e gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-174, 2002.

ESCRITORES da Liberdade. Direção: Richard LaGravenese. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. Roteiro: Richard LaGravenese. Intérpretes: Hilary Swank, Patrick Dempsey, Scott Glenn e outros. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2007. 1 videodisco (123 min), son., color.

EVASÃO escolar: meio milhão de jovens abandonam o Ensino Médio todo ano. **Educa Mais Brasil**, 2021. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/evasao-escolar-meio-milhao-de-jovens-abandonam-o-ensino-medio-todo-ano. Acesso em: 7 set. 2026.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Trotta: Madrid, 1998.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2025. ISBN 978-65-5555-578-3.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos à Profa. Dra. Fabiane Guimarães Vieira Marcondes, docente do IFSP – Campus São José dos Campos, pelas relevantes orientações e sugestões compartilhadas, que enriqueceram o desenvolvimento desta pesquisa.